
ESTUDO RETROSPECTIVO DE FRATURAS EM GAMBÁS-DE-ORELHA-BRANCA (*Didelphis albiventris*) ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNESP, CAMPUS DE BOTUCATU, NO PERÍODO DE 2020 A 2024. RESULTADOS PARCIAIS

TRIBUCCI, Juliana Pontes¹

INAMASSU, Letícia Rocha²

MAMPRIM, Maria Jaqueline³

SCHIMMING, Bruno Cesar⁴

Recebido em: 2024.12.24 Aprovado em: 2025.03.15 ISSUE DOI: 10.3738/21751463.4551

RESUMO: Devido à proximidade dos centros urbanos com as áreas florestais, o contato entre seres humanos e a fauna silvestre, especialmente os marsupiais, é cada vez mais intensificado. Visto isso, animais selvagens, como o gambá-de-orelha-branca, são cada vez mais atendidos nos centros veterinários. Assim, o objetivo deste estudo foi relatar a casuística de fraturas e luxações dessa espécie atendida no Hospital Veterinário, FMVZ, UNESP, campus de Botucatu, durante os anos 2020 a 2024. Até o momento, foi realizado um estudo retrospectivo das fichas cadastrais e radiografias desses marsupiais atendidos de 2020 a 2022. Essa análise evidenciou que de 50 animais cadastrados nesse período, 22 apresentavam fraturas (44%), sendo a maioria dos casos ocorridos durante o inverno e a primavera, sendo 8 ocorrências (36,4%) em cada uma das estações citadas. O estudo demonstra que a principal origem das fraturas foi ataque de cão, 7 casos (32%). Em relação à localização, o conjunto de ossos mais acometido foi o crânio, 14 fraturas (35%), seguido pela coluna vertebral, 11 (27,5%). Dessa forma, sugere-se que a casuística das fraturas em gambás-de-orelha branca seja maior na primavera e no inverno devido a ataques de cães, que resultaram em fraturas cranianas, majoritariamente na mandíbula.

Palavras-chave: Animais Selvagens. Marsupiais. Radiografia.

1 INTRODUÇÃO

Marsupiais representam uma importante classe de mamíferos, que aparecem na América e Austrália e, incluem diversas espécies como, por exemplo, cangurus, coalas e gambás (Nowak, 2005). Os gambás pertencem à Família *Didephidae* e ao gênero *Didelphis*. Apesar de preferirem ambientes com clima úmido e tropical, são capazes de se adaptar para viver em vários ambientes, assim esse gênero apresenta uma grande distribuição geográfica nas Américas (Flórez-Oliveros & Vivas-Serna, 2020). No Brasil, há uma plena variedade de espécies de gambás como *Didelphis albiventris*, *D. aurita*, *D. imperfecta* e *D. marsupialis* distribuídos em todas as regiões brasileiras (Tardieu *et al.*, 2017).

A espécie *D. albiventris* caracteriza-se principalmente pelas orelhas brancas com base negra e, além disso, apresenta pelagem acinzentada por todo o corpo que se torna preta nas

¹ Graduanda, Medicina Veterinária, juliana.tribucci@unesp.br

² Pós-doutoranda, Medicina Veterinária, lr.inamassu@unesp.br

³ Professora Titular, Medicina Veterinária, jaqueline.mamprim@unesp.br

⁴ Professor Associado, Medicina Veterinária, bruno.schimming@unesp.br

extremidades. Também na cabeça, há faixas de pelos pretos ao redor dos olhos e na porção rostral da face, cujo término se aproxima do focinho rosado (Flórez-Oliveros & Vivas-Serna, 2020).

Os gambás-de-orelha-branca são animais de hábito noturno (Smith, 2007) e apresentam comportamentos solitários e territorialistas acerca da área ocupada (Novak, 2005). No ambiente, eles são ágeis em terreno plano, mas um pouco mais lentos quando estão nas árvores (Smith, 2007) e usam a cauda preênsil como um quinto membro (Massoia *et al.*, 2000).

No contexto da vida livre, o aparelho locomotor se faz indispensável à sobrevivência dos animais selvagens, o que inclui o gambá-de-orelha-branca. A capacidade de locomoção está intimamente relacionada ao suprir das necessidades básicas e à manifestação dos comportamentos naturais desses indivíduos, como a alimentação, fuga e reprodução. Assim, acidentes e traumas, de origem antrópica ou não, que atinjam o sistema locomotor desses animais podem oferecer riscos à sobrevivência destes animais. Nesse sentido, estudar as origens de fraturas, por exemplo, torna-se essencial para o sucesso tanto do processo de cura, quanto da soltura desse animal (Henning *et al.*, 2015).

Embora haja vários estudos acerca das origens e resultados de fraturas em coalas (Henning *et al.*, 2015), esse tipo de estudo em gambás-de-orelha-branca ainda não foi descrito, embora, infelizmente, o gambá-de-orelha-branca esteja entre os mamíferos mais atropelados nas rodovias paulistas (Abra *et al.*, 2021). Assim, estudar as origens e os tipos de fraturas nesses marsupiais relacionando-as com suas características comportamentais pode contribuir para um melhor entendimento acerca do resultado do tratamento realizado nesse animal, bem como sua reabilitação e reintrodução na natureza. Assim, o objetivo deste estudo foi o de analisar os tipos de fraturas em gambás-de-orelha-branca por meio de estudo retrospectivo.

2 METODOLOGIA

Foram avaliados retrospectivamente os gambás-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) que foram atendidos no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, UNESP, campus de Botucatu, em virtude de fraturas e/ou luxações, num período de 3 anos (2020-2022). Destaca-se que o período total do desenvolvimento deste projeto compreende os anos de 2020 a 2024. Foram avaliados apenas os gambás que foram radiografados, portanto, foram excluídos os animais cujo exame radiográfico não foi efetuado.

As informações obtidas incluíam, quando disponível, o sexo do animal, histórico (se disponível), estação do ano que o animal foi atendido (verão, outono, inverno ou primavera), origem do trauma que gerou a fratura (se disponível) e evolução final (alta médica, óbito,

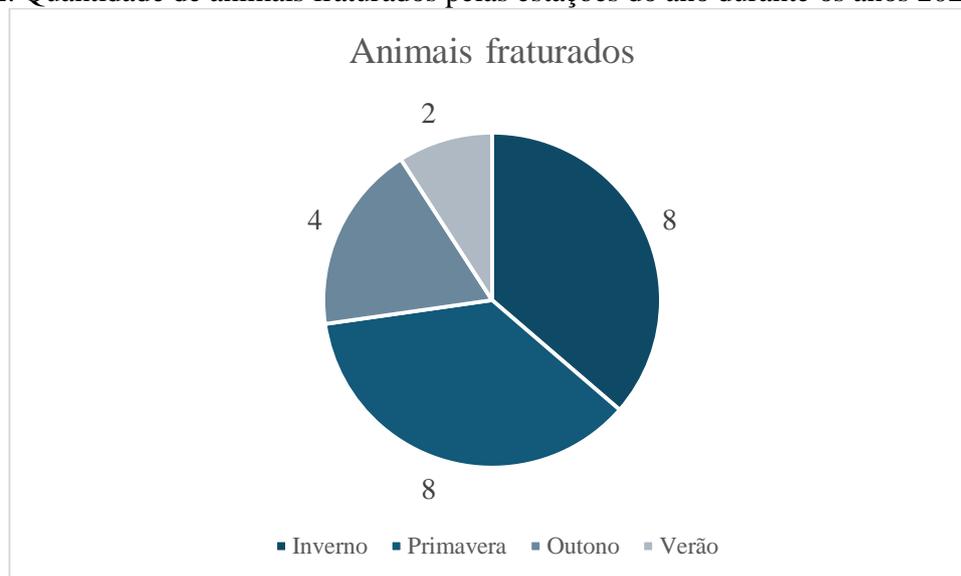
eutanásia, destinação ou soltura, se disponível). Pelo exame radiográfico foram identificados o local da fratura, osso acometido e presença ou não de esquirolas ósseas e luxações. A partir da obtenção dos dados, foram construídas planilhas, a partir das quais se determinou as médias e percentagens.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de janeiro de 2020 a dezembro de 2022, foram registrados 50 gambás-de-orelha-branca tratados no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, UNESP, Campus de Botucatu. Desses animais, 13 eram machos, 6 eram fêmeas e 31 não tiveram o sexo identificado na ficha cadastral. Do total de animais registrados, 22 (44%) apresentaram pelo menos uma fratura, seja em esqueleto axial ou apendicular, dos quais 11 eram machos (50%), 5 fêmeas (22,7%) e 6 não tiveram o sexo identificado (27,3%).

Em relação ao período de ocorrência do atendimento dos animais, 8 ocorreram no inverno (36,4%), 8 na primavera (36,4%), 4 no outono (18,9%) e 2 no verão (9%) (Gráfico 1).

Gráfico 1. Quantidade de animais fraturados pelas estações do ano durante os anos 2020 a 2022.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

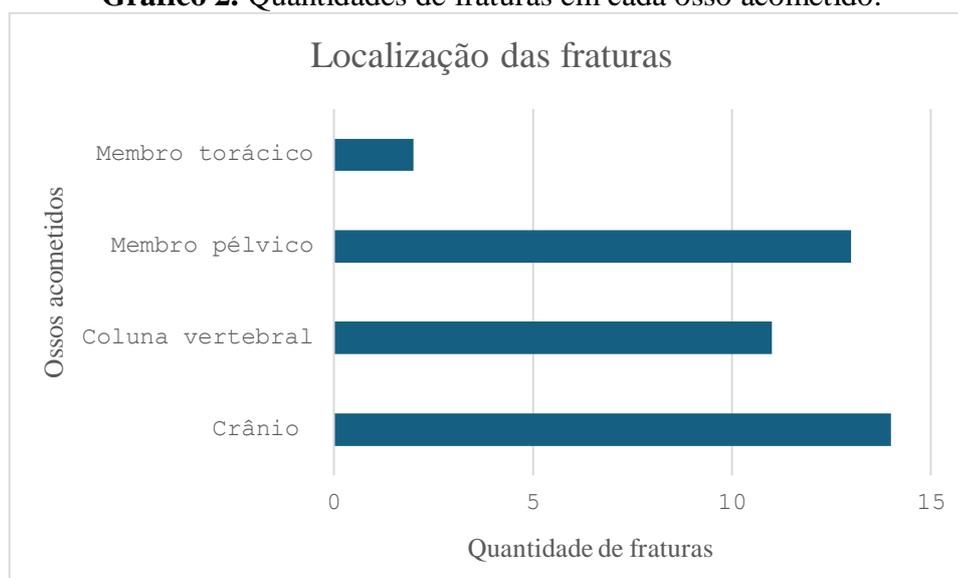
De acordo com o estudo das fichas cadastrais, não foi possível relacionar a evolução final com a origem do trauma e local fraturado. Considerando todos os animais atendidos, ocorreram 40 fraturas, 14 em crânio (35%), 11 em coluna vertebral (27,5%), 13 em membro pélvico (32,5%) e 2 em membro torácico (5%) (Gráfico 02). Em um estudo anterior, realizado no Hospital Mário Dias Teixeira entre os anos de 2013 e 2017, 50% de toda casuística de mamíferos silvestres e exóticos radiografados ocorreu no aparelho locomotor destes animais

(Jácomo *et al.*, 2019). O número maior de fraturas em relação ao número de animais deve-se ao fato de que alguns animais apresentaram mais de uma fratura. Gusmão (2021) em um estudo sobre animais atendidos e radiografados no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), relatou que as fraturas observadas nos gambás atendidos no período de 2015 a 2020, envolviam pelo menos dois ossos do crânio, podendo chegar a múltiplas fraturas concomitantes. Das fraturas em crânio, observou-se que 11 foram em mandíbula (78,6%), 2 em zigomático (14,3%) e 1 em temporal (7,1%). Neste estudo, o número maior de fraturas foi observado no crânio dos gambás-de-orelha-branca e, em maior número na mandíbula. Gusmão (2021) citou que os ossos cranianos do gambá era o local de maior acometimento de fraturas. Os achados deste estudo foram similares ao de Gusmão (2021) em relação ao crânio, porém divergiram dos relatos deste autor, quando descreveu o arco zigomático como o local craniano mais fraturado, já que no nosso estudo, o osso craniano mais fraturado foi a mandíbula.

Em relação à presença de esquirolas ósseas e luxações, nota-se que as primeiras são observadas em 4 dos 22 casos (18,9%), já as segundas, em 13 (60%). Ressalta-se que não houve casos que apresentaram esquirolas ósseas e luxações concomitantemente.

Quanto à causa das fraturas desses 22 pacientes, nota-se que 7 sofreram de ataque de cães (32%), 6 tinham fratura de etiologia desconhecida (27,3%), 4 sofreram colisão automobilística (18,9%), 2 sofreram queda (9%), 2 tiveram fratura patológicas (9%), ou seja, devido a um processo inflamatório e 1 foi vítima de ataque humano (4,5%). Os resultados deste estudo acerca da origem das fraturas corroboram a afirmação de que, geralmente, a maior causa de morte não infecciosa em gambás e marsupiais de vida livre é o trauma (Vogelnest, 2012).

Assim destaca-se os gambás-de-orelha-branca como uma espécie de mamíferos selvagens com uma casuística importante em relação às lesões ortopédicas de origem traumática como reportado por Silva (2018) e Gusmão (2021).

Gráfico 2. Quantidades de fraturas em cada osso acometido.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

4 CONCLUSÃO

De acordo com os achados deste estudo retrospectivo, conclui-se que a mandíbula foi o osso mais acometido por fraturas nos gambás-de-orelha-branca atendidos no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, UNESP, no período de janeiro de 2020 a dezembro de 2022. Quanto à etiologia das fraturas, o ataque de cão foi a de maior ocorrência, e sendo o perfil dos animais fraturados: machos atendidos no inverno e na primavera.

REFERÊNCIAS

- ABRA, F. D.; HUIJSER, M. P.; MAGIOLI, M.; BOVO, A. A. A.; FERRAZ, K. M. P. M. B. An estimate of wild mammal roadkill in São Paulo state, Brazil. **Heliyon**, v. 7, n. 1, e06015, 2021.
- BRANDÃO, M. V.; ROSSI, R. V.; SEMEDO, T. B.; PAVAN, S. E. **Diagnose e distribuição geográfica dos marsupiais da Amazônia brasileira**. In: MENDES-OLIVEIRA, A. C.; MIRANDA, C. L. (ed.). Pequenos mamíferos não-voadores da Amazônia brasileira. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Mastozoologia, 2015. p. 95-148.
- FLÓREZ-OLIVEROS, F. J.; VIVAS-SERNA, C. **Opossums (common chuchas) marmosas and colicortos in Colombia**. Medellín: Fundación Zariqüeya – Fundzar, 2020. 264 p.
- GUSMÃO, C. B. **Achados radiográficos em mamíferos silvestres e exóticos atendidos pelo hospital de clínicas veterinárias da ufrgs no período entre 2015 e 2020**. Lume Repositório Digital UFRGS, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/271949>. Acesso em: 11 fev. 2025.

HENNING, J.; HANNON, C.; MCKINNON, A.; LARKIN, R.; ALLAVENA, R. The causes and prognoses of different types of fractures in wild koalas submitted to wildlife hospital. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 122, n. 3, p. 371-378, 2015.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF MEDICAL JOURNAL EDITORS. **Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals: sample references**. [homepage na Internet]. Bethesda: U.S. National Library of Medicine, 2003. Disponível em: http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html. Acesso em: 1 jun. 2023.

JÁCOMO, A. A. F., PEREIRA T. H. S., MATOS S. E. R., LEÃO, A. P., FARIA, B. M., SILVA, A. L., SANTOS, R. C., RIBEIRO, A. S. S. Levantamento dos exames radiográficos realizados em mamíferos selvagens e exóticos no hospital veterinário Mario Dias Teixeira. In: Simpósio Internacional de Diagnóstico por Imagem, 7., 2019, São Paulo. **Anais...** Revista mv&z, 2019. P. 74.

MASSOIA, E.; FORASIEPI, A.; TETA, P. **Los marsupiales de la Argentina**. Buenos Aires: L.O.L.A, 2000. p. 10-70.

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE. **List of journal indexed in Index Medicus**. Washington: National Library of Medicine, 2003. 240 p.

NOWAK, R. M. **Walker's marsupials of the world**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2005. 240 p.

SMITH, P. **Fauna Paraguay Handbook of the Mammals of Paraguay Number 1: Didelphis albiventris**. Fauna Paraguay, 2007. p. 1-19.

TARDIEU, L.; ADOGWA, A. O.; GARCIA, G. W. Didelphis species, neo-tropical animals with the potential for intensive production: Part 1. Review of taxonomy, natural history, general biology, animal behaviour, and nutrition. **Tropical Agriculture**, v. 94, n. 2, p. 157-174, 2017.

VOGELNEST, L. **Marsupialia (Marsupials)**. In: MILLER, R. E.; FOWLER, M. E. *Fowler's Zoo and Wild Animal Medicine*. 8. ed. St. Louis, Missouri: Elsevier, 2012. v. 8, cap. 33, p. 255-274.